




Relações entre formações de palavras e gênero morfológico em língua portuguesa

Relations between word formations and morphological gender in Portuguese language

Milena Guirelli TRINDADE*

RESUMO: O gênero em português costuma ser associado ao sexo ou gênero identitário dos referentes, de modo a ignorar a maioria dos substantivos da língua, que dispõem de marcação de gênero apenas gramatical. Assim, é possível distinguir duas noções de gênero: (i) referencial, em que o gênero é determinado por seu referente sexuado; (ii) puramente morfológica, em que há informação gramatical, porém não referencial. Em estudos anteriores, demonstrou-se que a noção morfológica pode ser investigada por elementos variados, tais como a terminação, a origem histórica e os hiperônimos. O objetivo deste trabalho é ampliar o estudo dos motivadores de gênero morfológico e investigar as observações de diferentes autores, tanto linguistas quanto gramáticos, sobre outro possível influenciador de gênero: os processos formadores de palavras. A análise consiste na investigação dos processos identificados pelos linguistas e da maneira como o gênero se manifesta nos exemplos apresentados. Este artigo também verifica as considerações dos gramáticos acerca do gênero morfológico e as contrasta com o que os linguistas expõem sobre os processos estudados. Os resultados mostram que sete dos oito processos formadores analisados apresentam certa regularidade quanto à atribuição de gênero morfológico. Dentre eles, destacam-se a sufixação, a palavra-valise, a composição e o truncamento. Nos dois primeiros processos mencionados, é perceptível a influência da terminação para a atribuição de gênero morfológico: no caso da sufixação, o sufixo nominal carrega consigo informações de gênero; no processo de palavra-valise, tanto o gênero quanto a terminação da segunda base são mantidos. Já nas composições subordinativas, o primeiro elemento determina o gênero. No truncamento, por sua vez, ainda que o final do item lexical seja apagado, o gênero do item original se mantém, independentemente de sua nova terminação. Deste modo, notamos que é possível analisar os processos formadores de palavras como influenciadores de gênero em língua portuguesa, bem como sua relação com outros motivadores, como a terminação.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero morfológico. Neologismo. Motivadores de gênero. Terminações de palavras. Léxico.

ABSTRACT: Gender in Portuguese is usually associated with the sex or gender of the referents, ignoring the majority of nouns in the language, which have only grammatical gender marking. Thus, it is possible to distinguish two notions of gender: (i) referential, in which the attribution of gender is determined by its sexual referent; (ii) purely morphological, in which

* Mestranda em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP - Brasil. mlenenagt@usp.br

there is grammatical information, but not referential. Previous studies have shown that the morphological notion can be investigated by various elements, such as endings, historical origins and hypernyms. The objective of this work is to expand the study of the motivators of morphological gender, and investigate the observations of different authors, both linguists and grammarians, on another possible influencer of gender: the word formation processes. The analysis consists of investigating the processes identified by linguists and how gender manifests itself in the examples that they present. This paper also examines the considerations of grammarians regarding morphological gender and contrasts them with what the linguists explain about the processes studied. The results show that seven out of the eight processes analyzed present a regularity regarding the attribution of morphological gender. Among them, suffixation, portmanteau, composition and truncation stand out. In the first two processes mentioned, it is notable that the ending influences the morphological gender: in the case of suffixation, the nominal suffix carries gender information; in portmanteau, both the gender and the ending of the second word are maintained. In subordinate compositions, the first element determines the gender. In truncation, even though the ending of the lexical item is deleted, the gender of the original item is maintained, regardless of its new ending. Therefore, it is possible to analyze the word forming processes as an influencer of gender in the Portuguese language and its relationship with other motivators, such as the ending.

KEYWORDS: Morphological gender. Neologism. Gender motivator. Word endings. Lexicon.

Artigo recebido em: 16.03.2025

Artigo aprovado em: 15.05.2025

1 Introdução

A categoria de gênero na língua portuguesa é frequentemente associada ao sexo ou gênero identitário dos seres a que se referem, noção que não contempla a maior parte dos substantivos da língua, em que o gênero é uma classificação puramente gramatical (Rocha, 1994, p. 33). Nesses vocábulos¹, é comum que o gênero seja observado pela perspectiva da Sintaxe, isto é, pelas relações de concordância com outros elementos.

Viaro e Trindade (2022, p. 200) estabelecem duas noções de gênero: (i) gênero referencial, presente em itens que designam seres de acordo com sua referência, isto é, coincide com o sexo ou gênero identitário do referente; (ii) gênero puramente morfológico, em que há informação gramatical, mas não referencial, pois nada na referência do vocábulo indica gênero. Em seu trabalho, os autores investigaram

¹ Neste trabalho, empregamos os termos “vocábulo”, “item lexical” e “palavra” como sinônimos.

palavras dotadas da segunda noção mencionada e demonstraram que a categoria de gênero no português pode ser investigada por meio de elementos que vão além da referência sexuada e da Sintaxe, como sobretudo a terminação, mas também a origem histórica da palavra e seus possíveis hiperônimos.

No presente artigo, buscamos dar continuidade ao estudo dos motivadores de gênero morfológico e, para isto, nos propomos a investigar as considerações de diferentes autores acerca de um outro possível influenciador de gênero: os processos formadores de palavras. Em síntese, buscaremos localizar, em um conjunto de cinco obras de linguistas e gramáticos, quais processos são capazes de interferir no gênero dos substantivos da língua portuguesa.

No que se refere às considerações dos linguistas, selecionamos as obras de Alves (1990), Viaro (2011) e Gonçalves (2016). Tanto Alves (1990) quanto Gonçalves (2016) discorrem sobre neologismos e os diferentes processos utilizados por falantes da língua portuguesa ao criar palavras. Alves (1990) analisa diversas ocorrências de neologismos retirados da imprensa brasileira das décadas de 1970 e 1980, de modo a identificar os processos mais produtivos e mais curiosos. Já Gonçalves (2016, p. 7-8), por sua vez, opta por abordar “os usos e os mecanismos não apontados por gramáticas tradicionais ou manuais de morfologia do português publicados até a década de 1990”. Por se tratar de uma obra mais recente, grande parte dos dados do autor é oriunda da internet, o que permite reunir tanto a escrita padrão quanto fontes mais próximas da oralidade. Por fim, a obra de Viaro (2011) tem uma perspectiva diferente, visto que não aborda neologismos, mas a mudança linguística ao longo da história. Todavia, optamos por também revisá-la, visto que alguns fenômenos apontados pelos outros dois autores também são citados por ele, como a palavra-valise. É importante destacar que analisaremos não só os processos identificados pelos autores, mas também como o gênero se manifesta nos exemplos apresentados por eles.

As gramáticas selecionadas para revisão foram a de Said Ali (1923) e a de Bechara (2004). A escolha da obra do primeiro autor se justifica por tratar

detalhadamente da categoria de gênero por diferentes perspectivas, isto é, tanto semânticas quanto morfológicas (Said Ali, 1923, p. 55-68), inclusive nos itens lexicais cuja marcação de gênero é puramente gramatical. O segundo autor, por sua vez, também apresenta uma longa contextualização da categoria de gênero, abordando tópicos como o gênero de compostos e a mudança de gênero.

Como resultado do estudo, constatamos que sete dos oito processos formadores analisados apresentam um comportamento regular quanto à atribuição de gênero morfológico. Dentre eles, destacam-se a sufixação, a palavra-valise, a composição e o truncamento. Os dois primeiros processos mencionados reforçam a influência da terminação para o gênero morfológico, enquanto no último notamos que a terminação do item criado não é capaz de motivar o gênero. Em composições subordinativas, por sua vez, verificamos que o primeiro elemento é responsável por determinar o gênero.

O restante deste artigo está organizado da seguinte maneira: na primeira seção, investigaremos o que os linguistas dizem sobre processos formadores de palavras e como o gênero se manifesta nos casos elencados por eles. Em seguida, verificaremos as considerações dos gramáticos acerca do gênero em português, de modo a contrastar com o que foi visto nos fenômenos investigados na seção anterior, isto é, se o que é prescrito por eles sobre essa categoria se faz presente nos processos formadores identificados. Por fim, identificaremos, em nossas considerações finais, quais processos são capazes de motivar o gênero de um vocábulo e como eles se relacionam com outros motivadores, como a terminação.

2 Os processos formadores de palavras sob a ótica dos linguistas e sua relação com o gênero morfológico

Nesta seção, analisamos alguns dos diversos processos formadores de palavras apresentados por Alves (1990), Gonçalves (2016) e Viaro (2011), tais como a sufixação, a composição e o truncamento. Primeiramente, apresentamos uma breve definição do processo com base nos autores selecionados e, em seguida, verificamos como o gênero se manifesta nos itens gerados por tais fenômenos.

2.1 Prefixação

Consoante Alves (1990, p. 14-15), a derivação prefixal é um processo extremamente produtivo, em que um prefixo se une a uma base com o intuito de lhe acrescentar algum significado. Ao observar os exemplos apresentados pela autora, constatamos que o processo de derivação prefixal mantém o gênero da base, como é o caso de **pós-comunismo**, **megacomemoração** e **semi-fracasso**, que dispõem do mesmo gênero de **comunismo**, **comemoração** e **fracasso**, respectivamente. Desse modo, a prefixação não se revela um processo formador de palavras capaz de influenciar o gênero dos substantivos criados.

2.2 Sufixação

Apontada por Gonçalves (2016, p. 48) como “a principal fonte de novas palavras complexas em português”, a derivação sufixal é definida por Alves (1990, p. 29) como um processo em que o sufixo acrescenta à palavra-base uma ideia acessória, além de frequentemente alterar sua classe gramatical. Ao verificar os neologismos formados por derivação sufixal, é possível notar que o sufixo adicionado frequentemente também traz consigo informação de gênero. Cabe destacar, como exceção, os sufixos aumentativos e diminutivos, que mantêm o gênero da base: ao acrescentarmos ao substantivo masculino **menino** e ao feminino **menina** o mesmo sufixo diminutivo, geramos os vocábulos **menininho** e **menininha**, respectivamente, de modo a preservar o gênero de ambos os itens.

O Quadro 1 reúne os sufixos nominais e os exemplos substantivais elencados pelos dois autores; na terceira coluna, relacionamos cada um dos sufixos com o gênero a ele associado.

Quadro 1 – Sufixos substantivais e gêneros relacionados. “ref.” indica que os itens lexicais gerados são dotados de gênero referencial.

Sufixo	Exemplos	Gênero relacionado
-ismo	<i>brizolismo, achismo, mau-caratismo</i>	masculino
-ista	<i>chaguista, moreirista, brizolista</i>	masculino ou feminino (ref.)
-ança	<i>frevança</i>	feminino
-ção	<i>argentinizacão, favelização</i>	feminino
-mento	<i>enxugamento, jateamento</i>	masculino
-dor	<i>recreador</i>	masculino, -dora para feminino (ref.)
-eiro	<i>cirandeiro</i>	masculino, -eira para feminino (ref.)
-idade	<i>judaicidade, tropicalidade</i>	feminino
-agem	<i>pistolagem, telecinagem</i>	feminino
-ano	<i>delfiniano</i>	masculino, -ana se feminino (ref.)
-vel	<i>selecionável</i>	masculino ou feminino (ref.)
-logo	<i>beijólogo, cigarrólogo</i>	masculino, -loga se feminino (ref.)
-dromo	<i>fumódromo</i>	masculino
-metro	<i>desconfiômetro, olhometro</i>	masculino
-latra	<i>coca-cólatra</i>	masculino ou feminino (ref.)
-ê	<i>baguncê, fumacê, fuzuê</i>	masculino

Fonte: elaborado pela autora com base em Alves (1990, p. 29-33) e Gonçalves (2016, p. 48-49).

2.3 Composição

A neologia formada por composição é definida por Alves (1990, p. 41-42) como a justaposição de bases autônomas ou não autônomas, que funcionam morfológica e semanticamente como um só elemento.

Alves (1990, p. 41-42) explica que em composições subordinativas formadas por dois substantivos há a relação de elemento genérico e específico, ou de determinado e

determinante. Desse modo, a autora expõe que apesar de funcionarem como um único elemento, o primeiro item mantém suas características de substantivo, enquanto o segundo age como um adjetivo que acresce uma especificação. Portanto, o primeiro elemento determina qual o gênero da palavra formada, o que é possível observar nos exemplos **operação desmonte** e **político-galã**, em que a primeira base (**operação** e **político**) determinam o gênero. Gonçalves (2016, p. 52-53), por sua vez, ao apresentar o fenômeno da composição, cita como exemplos as construções com **bolsa (bolsa família)**, **auxílio (auxílio-alimentação)**, **vale (vale-refeição)** e **seguro (seguro-saúde)**, nas quais também é possível observar o mesmo comportamento em relação ao gênero.

No caso de compostos substantivais formados por um adjetivo e um substantivo, Alves (1990, p. 42) destaca que a ordem não é fixa ao apresentar os exemplos **pinta-preta** e **média-metragem**. Em relação ao gênero, poderíamos afirmar que o substantivo também é responsável por atribuir o gênero, porém, nessa lógica **média-metragem** deveria ser feminino, pois a palavra **metragem** pertence a esse gênero e, inclusive, o adjetivo **média** está flexionado no feminino.

A composição coordenativa, por sua vez, é formada pela justaposição de bases da mesma distribuição (Alves, 1990, p. 44-45). Como exemplo, a autora apresenta os itens **outono-inverno** e **telespectador-eleitor-contribuinte**. Ambos os itens são masculinos e também são formados por bases pertencentes ao masculino, o que não nos fornece muitas informações acerca da atribuição de gênero nessas construções. Todavia, é possível questionarmos o gênero de compostos coordenativos formados por palavras de gêneros distintos, como **primavera-verão**. A seguir, reunimos algumas ocorrências recentes desse composto em sites.

Quais as principais tendências para a **primavera/verão** 2025? Consultora revela!²

² Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/autocuidado/moda/quais-as-principais-tendencias-para-a-primaveraverao-2025-consultora-revela,6a2891f991b5f656c370d49a895ff5580nhhwrc0.html>.

A **primavera-verão** de 2025 será colorida, com tons que partem dos vibrantes aos pastéis³

[...] a CNN conversou com especialistas em estilo para entender mais sobre as tendências do **primavera-verão** 2024/25.⁴

Trend Alert: as maiores apostas para o **Primavera-Verão** 2025⁵

Assim, notamos que tal item é empregado ora no feminino, como em (1) e (2), ora no masculino, como em (3) e (4), isto é, apresenta hesitação de gênero, o que indica que os falantes podem apresentar dúvidas em casos como esse.

Para compreendermos os gêneros de casos como **média-metragem** e **primavera-verão**, é possível recorrermos complementarmente às considerações de Sandmann (1992, p. 43-44), que divide os compostos em endocêntricos e exocêntricos. De acordo com o autor, os compostos endocêntricos são aqueles cujo núcleo do composto se refere literalmente ao ente designado, como **peixe-espada**, item lexical que se refere, de fato, a um peixe; os compostos exocêntricos, por outro lado, dizem respeito àqueles cujo núcleo não se refere diretamente ao ente designado, de modo a haver um uso figurado, como ocorre com o item **perna-de-moça**, que também se refere a um peixe, e não a uma perna.

No que diz respeito ao gênero, notamos que tanto **peixe-espada** quanto **perna-de-moça** se referem a peixes e tomam o gênero masculino. No caso de **peixe-espada**, trata-se de um composto subordinativo formado por dois substantivos, um masculino e outro feminino, em que **peixe** é o elemento determinado, responsável pela atribuição de gênero; todavia, tal associação só é possível porque **peixe-espada** é um composto endocêntrico. Em **perna-de-moça**, temos um composto subordinativo formado por dois substantivos femininos ligados pela preposição **de**; contudo, como se trata de um composto exocêntrico, o masculino de **perna-de-moça** é explicado pela associação com

³ Disponível em: <https://virtualjoias.com/blog/tendencias-primavera-verao>.

⁴ Disponível em: <https://bauru.grupoportaldenoticias.com.br/2024/10/11/primavera-verao-de-animal-print-a-chapeu-de-palha-veja-tendencias-de-estilo/>.

⁵ Disponível em: <https://blog.revanche.com.br/primavera-verao-2025/>.

seu referente, **peixe**, substantivo masculino. Desse modo, percebemos que a atribuição de gênero funciona de uma maneira diferenciada em compostos exocêntricos.

Assim, o item lexical **média-metragem** é empregado no masculino por ser um composto exocêntrico cujo referente é o substantivo masculino **filme**. Por sua vez, **primavera-verão** é um composto exocêntrico que apresenta hesitação de gênero, que pode ser ocasionada justamente pelo referente não estar tão claro para os falantes, os quais podem subentender um ou outro referente para tal item.

Em suma, o gênero de compostos exocêntricos tende a ser atribuído com base em seu referente, o qual não está no núcleo do composto. Já em compostos endocêntricos, aplicam-se as regras observadas nesta seção.

2.4 Siglas

Alves (1990, p. 56) não diferencia siglas e acrônimos, de modo a caracterizar a neologia por siglas ou acronímica como um processo em que o sintagma é reduzido para se tornar mais simples e eficaz no processo comunicativo. De acordo com a autora, ele pode ser constituído tanto pelas iniciais dos elementos do sintagma, como APM (Associação de Pais e Mestres), quanto por algumas sílabas do sintagma, como Anfavea (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores).

Já Gonçalves (2016, p. 73) divide as siglas em dois grupos: acrônimos e alfabetismos. Os primeiros são siglas que podem ser pronunciadas como uma palavra comum da língua, como UPA (Unidade de Pronto Atendimento), enquanto os segundos são siglas que são pronunciadas soletradas, como UPP (Unidade de Política Pacificadora).

Em relação ao gênero dos itens gerados por esse processo, Alves (1990, p. 57) destaca que tais vocábulos costumam se flexionar conforme o primeiro elemento do sintagma; assim, ZPE (Zona de Processamento de Exportação) se revela feminino devido ao substantivo feminino **zona**, por exemplo.

2.5 Conversão

Em relação ao fenômeno da conversão, Alves (1990, p. 60-61) explica que ela ocorre quando um vocábulo sofre alterações em sua distribuição sem haver mudanças formais. Dentre os casos elencados pela autora, cabe destacar os verbos substantivados.

É importante destacar que, no processo de substantivação de verbos, um item pertencente à classe verbal, que não dispõe da marca de gênero, passa a ser um substantivo, categoria gramatical que apresenta gênero. Portanto, o substantivo gerado por esse processo obrigatoriamente assume um gênero, o qual observamos ser sempre masculino. Como exemplo, Alves (1990, p. 61) apresenta a sentença “o já empoeirado **degladiar** entre distribuidores e locadores de vídeo vive mais um capítulo”, em que o verbo **degladiar** atua como um substantivo masculino, o que é evidenciado pelo artigo *o*.

2.6 Empréstimos

Em relação aos neologismos formados por empréstimo, Alves (1990, p. 81) destaca que tais unidades lexicais tendem a se flexionar de acordo com o gênero da língua doadora. Em casos em que o idioma de origem não dispõe de flexão de gênero, como o inglês, a autora explica que é comum que seja adotado o gênero masculino, não marcado, como *ranking*, ou que ocorra concordância em gênero com o equivalente em português do empréstimo; assim, *trading* seria feminino devido ao gênero do substantivo equivalente **negociação**, por exemplo.

Dentre os empréstimos integrados ao português apresentados por Viaro (2011, p. 270), destacamos **abajur** (do francês *abat-jour*), **futebol** (do inglês *football*) e **pizza** (do italiano *pizza*). Nesses três casos, notamos que **abajur** e **pizza** mantêm o gênero da língua doadora, enquanto **futebol**, oriundo de uma língua sem flexão de gênero, adota o masculino. Assim, percebemos que as considerações de Alves (1990) acerca do gênero de empréstimos se fazem presentes nesses casos.

2.7 Palavra-valise ou cruzamento vocabular

O fenômeno palavra-valise é definido por Alves (1990, p. 69) como uma redução em que “duas bases são privadas de parte de seus elementos para constituírem um novo item léxico: uma perde sua parte final e outra, sua parte inicial”. Gonçalves (2016, p. 74-76) também apresenta o mesmo processo, para o qual ele adota a nomenclatura de cruzamento vocabular. No Quadro 2, reunimos alguns dos exemplos apresentados por ambos os autores e por Viaro (2011, p. 223). Seleccionamos ocorrências que geram substantivos com gênero puramente morfológico.

Quadro 2 – Exemplos de palavra-valise. (F) indica que a palavra pertence ao gênero feminino, (M) indica masculino, (2) comum de dois, (M*) masculino que permite flexão de acordo com sua referência e (-) indica que a palavra não dispõe de gênero.

Palavra criada		1ª base		2ª base	Fonte
<i>lixeratura</i> (F)	=	<i>lixo</i> (M)	+	<i>literatura</i> (F)	Gonçalves (2016)
<i>pilantropia</i> (F)	=	<i>pilantra</i> (2)	+	<i>filantropia</i> (F)	Gonçalves (2016)
<i>choconhaque</i> (M)	=	<i>chocolate</i> (M)	+	<i>conhaque</i> (M)	Viaro (2011)
<i>escrágio</i> (M)	=	<i>escravo</i> (M*)	+	<i>estágio</i> (M)	Viaro (2011)
<i>euquipe</i> (F)	=	<i>eu</i> (-)	+	<i>equipe</i> (F)	Viaro (2011)
<i>boitel</i> (M)	=	<i>boi</i> (M)	+	<i>hotel</i> (M)	Viaro (2011)
<i>pescotapa</i> (M)	=	<i>pescoço</i> (M)	+	<i>tapa</i> (M)	Viaro (2011)
<i>radiola</i> (F)	=	<i>rádio</i> (M)	+	<i>viola</i> (F)	Viaro (2011)
<i>showmício</i> (M)	=	<i>show</i> (M)	+	<i>comício</i> (M)	Alves (1990), Viaro (2011)

Fonte: elaborado pela autora com base em Alves (1990), Gonçalves (2016) e Viaro (2011).

Dentre os exemplos expostos acima, notamos que *lixeratura*, *pilantropia*, *euquipe* e *radiola* são formados por palavras com informações de gênero distintas. As quatro

unidades léxicas mencionadas são substantivos femininos, bem como a sua segunda base, isto é, seu gênero é determinado pelos itens femininos **literatura**, **filantropia**, **equipe** e **vitrola**. Portanto, em casos de cruzamento vocabular, os substantivos tendem a se flexionar conforme a segunda palavra, que mantém sua terminação.

2.8 Truncamento

O processo de truncamento, ou truncação, é descrito por Alves (1990, p. 68) como uma espécie de abreviação em que uma parte do vocábulo, geralmente seu final, é eliminada. Gonçalves (2016, p. 79-80) acrescenta que tal fenômeno não causa distanciamento de significado, mas há uma frequente mudança no valor estilístico. Além disso, o autor apresenta que é comum que os compostos neoclássicos sejam utilizados sozinhos para se referir ao composto por inteiro, de modo a adquirir estatuto de palavra, como ocorre com *zoo* (**zoológico**), *fono* (**fonoaudiólogo/a**), *hidro* (**hidromassagem**) e *ultra* (**ultrassom**). Gonçalves indica que, nesses casos, o elemento à esquerda é sempre preservado, porém é a parte apagada que determina o gênero:

Dessa maneira, *pós*⁶, apesar de não se especificar quanto ao gênero, já que é um prefixo, passa a ser categorizado como feminino após o processo, adquirindo status de forma livre e, conseqüentemente, de palavra. O caso de *micro*, em (52)⁷, é ainda mais elucidativo, pois pode ser feminino, caso se refira à *empresa*, ou masculino, caso usado em referência a *micro-ondas*, por exemplo (Gonçalves, 2016, p. 81).

Gonçalves (2016, p. 83) apresenta mais um tipo de truncamento, em que não há um morfema preestabelecido de truncamento, mas apenas a retirada de parte do corpo fônico do derivante, como em *refri* (**refrigerante**), *biju* (**bijuteria**), *expô* (**exposição**), *tatu* (**tatuagem**), *preju* (**prejuízo**) e *visu* (**visual**). Nesses casos, também é notável que as palavras truncadas mantêm o gênero do item original.

⁶ Nesse caso, o autor fala de *pós* para se referir a **pós-graduação**, o que explica o feminino.

⁷ O exemplo apresentado pelo autor foi “Comprei dois *micros*” (Gonçalves, 2016, p. 80).

2.9 O gênero nos processos formadores

Dentre os oito processos neológicos analisados, apenas a prefixação não se mostrou capaz de influenciar o gênero do item lexical criado. O Quadro 3 mostra, de maneira sumariada, os sete processos estudados que podem motivar o gênero do vocábulo gerado, de modo a explicar como tal fenômeno ocorre e apresentar alguns exemplos, com base no que foi visto na revisão bibliográfica.

Quadro 3 – Sumarização de como o gênero pode ser motivado por sete processos neológicos diferentes.

Processo	Como o gênero é motivado	Exemplos
Sufixação	O sufixo substantival traz consigo informação de gênero.	-ismo gera itens masculinos (<i>brizolismo</i> , <i>achismo</i>); -idade gera itens femininos (<i>judaicidade</i> , <i>tropicalidade</i>)
Composição	Em casos de compostos endocêntricos formados por dois substantivos, o primeiro elemento determina o gênero do item formado.	Construções com <i>bolsa</i> (como <i>bolsa família</i>) e <i>vale</i> (como <i>vale-refeição</i>) são sempre femininas, devido ao gênero feminino desses substantivos.
	Em casos de compostos exocêntricos, o gênero tende a ser determinado pelo seu referente.	O composto <i>média-metragem</i> é masculino por ter como referente – ou núcleo – o substantivo masculino <i>filme</i> .
Siglas	As siglas tendem a se flexionar conforme o primeiro elemento do sintagma.	UPA (<i>Unidade de Pronto Atendimento</i>) é feminino devido ao gênero de <i>Unidade</i>
Conversão	Em casos de substantivação de verbos, os itens gerados são sempre masculinos, o que é evidenciado pelo uso do artigo masculino <i>o</i> .	O <i>degladiar</i> ; o <i>andar</i>
Empréstimos	Atribui-se gênero de acordo com a língua doadora.	O item <i>abajur</i> seria masculino pelo substantivo francês também masculino <i>abat-jour</i>
	Se a língua não dispuser de flexão de gênero, é adotado o masculino.	<i>Ranking</i>
	O gênero pode ser atribuído em concordância com o equivalente em português do empréstimo.	O vocábulo <i>trading</i> seria feminino pelo substantivo também feminino e equivalente <i>negociação</i>
Palavra-valise	Os itens gerados tendem a se flexionar em gênero de acordo com a segunda base.	O item <i>lixeratura</i> é formado por uma base masculina (<i>lixo</i>) e uma feminina (<i>literatura</i>) e se flexiona como a segunda, responsável também pela terminação da palavra

Truncamento	Os vocábulos tendem a manter o gênero do item derivante.	Os itens <i>biju</i> e <i>refri</i> mantêm o gênero de <i>bijuteria</i> e <i>refrigerante</i> , respectivamente
-------------	--	---

Fonte: elaborado pela autora com base em Alves (1990), Gonçalves (2016), Viaro (2011) e Sandmann (1992).

3 O gênero morfológico em língua portuguesa consoante os gramáticos e os processos formadores de palavras

Nesta seção, apresentamos as observações dos gramáticos selecionados sobre substantivos dotados de gênero puramente morfológico, de modo a identificar alguns motivadores de gênero, como a influência da terminação, grupos semânticos e itens subentendidos. Em seguida, contrastamos tais informações com o que foi visto sobre a manifestação do gênero em palavras geradas por diferentes processos formadores.

3.1 As considerações de Said Ali e Bechara acerca do gênero gramatical

De acordo com Said Ali (1923), o gênero pode ser atribuído em português tanto pela significação quanto pela terminação.

Consoante o autor, o gênero não é motivado pela significação apenas em vocábulos sexuais não epícenos⁸, visto que há alguns grupos semânticos em que é possível observar certa regularidade quanto ao gênero de seus elementos (Said Ali, 1923, p. 59-60). Assim, são masculinos os pontos cardeais, as letras dos alfabetos e os meses do ano, por exemplo; ao passo que são femininos os nomes de ilhas e cidades.

Por outro lado, para Bechara (2004, p. 133), a atribuição de gênero gramatical em substantivos “não tem fundamentos racionais, exceto a tradição fixada pelo uso e pela norma; nada justifica serem, em português, masculinos **lápiz, papel, tinteiro** e femininos **caneta, folha e tinta**”. Percebemos que o autor apresenta como exemplos vocábulos do mesmo campo semântico, isto é, materiais utilizados para a escrita, que divergem quanto ao gênero. Desse modo, ele defende que a atribuição de gênero

⁸ Said Ali (1923, p. 59) define epícenos como itens lexicais com apenas uma única terminação e um único gênero gramatical, como **criança**.

nesses itens lexicais é inconsistente e não é motivada pela referência. Todavia, ao abordar o fenômeno da mudança de gênero, isto é, palavras que ao longo do tempo passaram a ter gêneros diferentes, Bechara (2004, p. 133) reconhece alguns motivadores de gênero, como aproximações semânticas entre palavras (como antônimos e sinônimos), o contato léxico e a influência da terminação.

Em relação às palavras em que o gênero é motivado pela terminação, Said Ali (1923, p. 61-66) associa diferentes finais ao masculino, ao feminino ou a ambos. Desse modo, substantivos terminados em *-dem* e *-gem* átonos seriam femininos, enquanto os finais em *-l* e *-r* são relacionados pelo autor ao masculino, por exemplo. No entanto, chama-nos a atenção que, além de apresentar algumas exceções, o autor também utiliza outros recursos para explicar o gênero desses casos. Ao explorar o final em *-ão*, por exemplo, Said Ali (1923, p. 63) explica que os substantivos concretos com tal terminação são masculinos, como **chão** e **algodão**, enquanto os abstratos são femininos, como **condição** e **produção**; a única exceção apontada pelo autor é **mão**, substantivo concreto e feminino. Além disso, o autor associa a terminação em *-l* ao masculino, mas explica que as exceções femininas podem ser justificadas pelo subentendimento de um item feminino, como **catedral**, que teria tal gênero devido ao substantivo **igreja**.

A influência de um item lexical subentendido também é explorada por Bechara (2004, p. 138), que denomina tal fenômeno de “gênero estabelecido por palavra oculta”. Desse modo, são masculinos os nomes de meses, rios e pontos cardeais, enquanto são femininos os nomes de cidades e de ilhas. Cabe ressaltar que esse fenômeno corresponde à abordagem de gênero por significação apresentada por Said Ali.

Outra importante consideração feita por Bechara (2004, p. 139) diz respeito ao gênero de compostos. O autor analisa três tipos de compostos: (i) constituídos por substantivos variáveis, isto é, biformes; (ii) formados por substantivos uniformes; (iii) constituídos por um tema verbal e um substantivo. No primeiro caso, o autor explica

que o determinante é quem concorda com o gênero do determinado e é responsável pelo gênero de todo o composto; portanto, fala-se **batata-rainha** e não **batata-rei**. Nos compostos formados por itens uniformes, o autor pontua que, apesar de não haver concordância, o primeiro item continua a atribuir o gênero, como **a cobra-capelo**. Por fim, em compostos formados por verbo e substantivo, o autor explica que é a tendência é o composto pertencer ao masculino singular, como **o trava-língua**.

3.2 O gênero morfológico e os processos formadores de palavras

Ao analisar os diferentes processos formadores de palavras em língua portuguesa, verificamos que é possível notar algumas regularidades quanto à manifestação do gênero morfológico dos itens gerados, exceto no caso da prefixação. A seguir, exploramos alguns desses processos, de modo a contrastar com o que é dito pelos gramáticos estudados.

Como observado no Quadro 1, a sufixação se mostra um processo capaz de atribuir e modificar o gênero dos vocábulos, uma vez que os sufixos nominais trazem consigo informações de gênero. Tal ocorrência, assim, reforça a ideia da associação entre terminação e gênero, tanto explorada por Said Ali. Como vimos, o sufixo *-ção* se junta a verbos de modo a criar substantivos abstratos, como *argentinização* e *favelização*. Said Ali, por sua vez, não associa o sufixo ao feminino, mas afirma que itens abstratos terminados em *-ão*, como **ampliação**, pertencem a esse mesmo gênero. É importante ressaltar que as terminações não equivalem aos sufixos, mas que estes corroboram a influência do final do substantivo na atribuição de gênero morfológico.

Em relação ao fenômeno de palavra-valise, ou cruzamento vocabular, por sua vez, verificamos que os substantivos tendem a pertencer ao mesmo gênero que a segunda palavra, como o substantivo feminino *radiola*, formado pela base masculina **lixo** e a base feminina **literatura**. Esse processo também pode reforçar a influência da terminação para a atribuição de gênero, visto que tanto o final da segunda palavra quanto o seu gênero são mantidos no item gerado.

Por outro lado, no processo de truncamento, o final da palavra é apagado. Porém, notamos que o gênero do item original é preservado, independentemente da sua nova terminação. Por exemplo, de acordo com Said Ali (1923, p. 61), o substantivo **bijuteria** seria feminino devido ao final em *-a*, porém, após o truncamento, *biju* passa a ter outra terminação, o que não implica em um novo gênero: consoante Said Ali (1923, p. 62), os substantivos oxítonos terminados em *-á, -é, -i, -ó* e *-u* seriam masculinos, o que não se aplica a *biju*, que mantém o feminino de **bijuteria**. Nas siglas também é notável que a terminação do item criado não determina o gênero, visto que é o gênero da primeira palavra do sintagma que define se o vocábulo gerado é feminino ou masculino.

Por fim, ao investigar as considerações e exemplos de Alves (1990, p. 41-42) e de Gonçalves (2016, p. 52-53) acerca de composições subordinativas entre dois substantivos, verificamos que o primeiro elemento é responsável por determinar o gênero do item lexical criado, o que coincide com o que Bechara (2004, p. 139) diz sobre o gênero de compostos formados por dois substantivos uniformes. Já os compostos exocêntricos, por sua vez, reforçam a influência do subentendimento de palavras ocultas na atribuição de gênero, apontada tanto por Bechara (2004, p. 138) quanto por Said Ali (1923, p. 59-60). Assim, **média-metragem**, apesar de ser formado por dois substantivos femininos, seria masculino devido ao subentendimento de **filme**, por exemplo.

Com base no exposto, percebemos que, em alguns casos, é possível analisar o gênero morfológico de substantivos com base em seu processo formador. Alguns processos formadores, além de apresentarem regularidades em relação à atribuição de gênero gramatical, também corroboram a influência da terminação para o gênero morfológico do vocábulo. Desse modo, os diferentes motivadores de gênero parecem se complementar, o que é evidenciado, inclusive, pelo fato de que os gramáticos recorrem a diferentes influenciadores para explicar o gênero gramatical em língua portuguesa.

4 Considerações finais

Neste trabalho, investigamos como os processos formadores de palavras se relacionam com a atribuição de gênero morfológico em língua portuguesa, a partir das considerações de linguistas e gramáticos. Ao longo da análise, verificamos o funcionamento do gênero morfológico nos itens lexicais gerados por oito processos formadores diferentes: prefixação, sufixação, composição, siglas, conversão, empréstimos, palavra-valise e truncamento. Dentre eles, apenas a prefixação não se revela capaz de influenciar o gênero dos vocábulos criados. Constatamos também que os processos de sufixação e palavra-valise reforçam a influência da terminação para a atribuição de gênero: no primeiro caso, os sufixos carregam consigo informação de gênero, enquanto no segundo são mantidos tanto a terminação quanto o gênero do elemento responsável pela parte à direita da palavra gerada.

Ao analisar as obras dos linguistas, levamos em consideração as observações dos próprios autores acerca do comportamento do fenômeno de gênero nos itens gerados, como no caso dos empréstimos, por exemplo. Em outros processos, como a palavra-valise, realizamos uma análise com base nos exemplos por eles expostos e notamos certas regularidades quanto ao gênero dos vocábulos. De qualquer modo, ressaltamos que contrastamos tais achados com os fenômenos observados pelos gramáticos, como a influência da terminação, o que permitiu complementar a análise.

Em suma, constatamos que o gênero dos substantivos em língua portuguesa pode ser estudado a partir de seus respectivos processos formadores, mas também levando em consideração outros motivadores de gênero, sobretudo a terminação, que se mostrou mais uma vez um forte influenciador de gênero, mesmo em uma análise focada nos processos formadores de palavras.

Referências

ALVES, I. M. **Neologismo**: criação lexical. São Paulo: Ática, 1990.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

GONÇALVES, C. A. **Atuais tendências em formação de palavras**. São Paulo: Contexto, 2016.

ROCHA, L. C. de. A. Caracterização do gênero do substantivo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 19, p. 27-36, 1994. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/cadernos_pesquisa/article/view/11414.

SAID ALI, M. **Grammatica secundaria da lingua portugueza**. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1923.

SANDMANN, A. J. **Morfologia lexical**. São Paulo: Contexto, 1992.

VIARO, M. E. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

VIARO, M. E.; TRINDADE, M. G. Relações entre terminação e gênero morfológico em Said Ali: o índice -l no português. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 25, n. 49, p. 198-218, 2022. DOI <https://doi.org/10.20396/lil.v25i49.8668980>